

A importância da educação indígena na visão dos jovens estudantes¹

Eldo Ramires Cano²

Úrsula Velasques³

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v19i40.610>

A NOSSA HISTÓRIA

Nós somos da Aldeia Takuaperi, Município de Coronel Sapucaia, MS, que se localiza na BR-289. Começamos a estudar no ano de 2008, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amambai. Eu, Úrsula, ingressei na área de Ciências Sociais, o Eldo ingressou na área de História. Graças a Deus e ao nosso esforço concluímos em 2012. Não foi fácil. Durante o curso, passamos por muitas dificuldades, pensei muitas vezes em desistir, mas o Eldo sempre me dava força e também sempre conversávamos sobre o que de fato queríamos fazer e sabíamos que um dia valeria a pena estudar. O Eldo também estudou no mesmo ano na Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), onde o estudo era diferenciado, voltado ao nosso povo Guarani e Kaiowá, e lá também ele concluiu na área de Linguagem, porque o curso era nas férias. Amamos ser professores, desde cedo queríamos ajudar as crianças a ser capazes de lutar pelos seus direitos e motivamos e gostamos de ver a transformação de conhecimentos de crianças, que crescem cada dia mais e que são futuro da nossa comunidade. No final do ano de 2015, surgiu mais uma oportunidade no Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação (ESAP), para fazermos uma especialização em Educação Escolar Indígena, uma área de que se precisava muito e gostamos muito. Abraçamos a oportunidade e novamente fomos estudar e, para concluir, fizemos o artigo em dupla e escolhemos o tema que vocês vão ler mais para frente: A Importância da Educação Indígena na Visão dos Jovens Estudantes. Concluímos no ano de 2016.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Especialização em Educação Escolar Indígena, Faculdades Integradas do Vale do Ivaí (UNIVALE), mantida pela Instituição Cultural e Educacional de Ivaiporã (ICEI, ESAP), Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação, sob orientação do professor Márcio Cassandre.

² Escola Indígena Mbo'eroy Arandu, Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sul, Brasil.

³ Escola Indígena Ñande Reko Arandu, Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Resumo: Atualmente, muitos jovens estudantes indígenas pensam em ter domínio e serem responsáveis de conviver bem e ser algumas coisas futuramente. Através do ensino e de aprendizagem diferenciados, adquirimos vários aspectos e características da educação. O que aprendemos com a família hoje em dia vem se valorizando cada vez mais, e nas escolas já se ensinam vários tipos de sistema de um processo de educação indígena e não indígena. Com muitos ensinamentos jovens indígenas se adaptaram e algo complexo na educação e para decidirem em qual caminho vão prosseguir que vai servir para sua comunidade e para sua família e se organizarem na sua vida cotidiana, pensando manter a sua língua materna, cultura, crenças e mitos etc., que é uma filosofia indígena tradicionalmente, não deixar serem esquecidos os saberes na convivência em qualquer lugar e o momento de ser respeitado o conhecimento e de que seja ensinado. A educação escolar também faz parte da nossa vida atual, é preciso continuar estudando para ter o conhecimento mais aberto e se vê hoje como um caminho para o futuro, mas sem jamais esquecer a educação que os pais ensinam dia a dia desde pequeno.

Palavras-chave: educação; indígena; jovens estudantes.

1 INTRODUÇÃO

A educação indígena é fundamental dentro da nossa sociedade, em que convivemos com nosso próprio conhecimento, valorizando o convívio cultural, a organização social e familiar, sempre mantendo domínio das línguas maternas.

As crianças indígenas adquirem a educação dentro da sua casa com seu pai e mãe, o conhecimento tradicional depende das famílias e cada um tem responsabilidade de como ensinar. Muitas crianças e jovens já vêm com o conhecimento do seu cotidiano familiar e, quando inicia o ensinamento na escola, já vão se inserir dentro de vários tipos de conhecimentos, realmente como vão conviver, levar a vida e ser cidadão, assumir sua identidade de ser Guarani/Kaiowá e, principalmente, conhecer e apreender mais sobre a sociedade brasileira e mundo afora.

Alguns anos atrás, muitos indígenas pensavam que a escola não tinha importância dentro da sua família e comunidade. Iniciavam a educação escolar no 1º até ao 5º ano apenas para aprender a ler, escrever e saber fazer cálculo, isto já estava bom. Depois, muitos desistiam da escola, não dando a importância de conhecer mais ou continuar com a luta com o seu estudo. Alguns já vão trabalhar na usina, nas mãos de obra pesada. E outros indivíduos, em muitos casos, é possível que, se o pai der liberdade, sigam o destino violento, com problemas com drogas, sem valorizar seus familiares e muito menos seus estudos e sua vida. Não é porque a

escola é o único lugar de aprendizado, mas as sociedades indígenas precisam ter conhecimento amplo, para conhecer o seu valor, seu costume, sua língua, devem fazer valer o seu direito como ser humano e saber que fazem parte dessa terra; não devem deixar que ninguém force contra a vontade da comunidade.

Dentro desse contexto, este trabalho tem como objetivo entender a importância que os jovens atribuem à educação escolar indígena. Para alcançar este objetivo, será proposto para as turmas do quinto e do nono ano de duas escolas indígenas da cidade de Coronel Sapucaia, MS, a seguinte pergunta: “Por que a educação indígena é importante?”. Para tanto, o procedimento de pesquisa prevê a escrita desta pergunta no quadro; em seguida, uma explicação das possíveis compreensões sobre o tema; e, por fim, a delimitação de trinta minutos para a escrita livre sobre a proposta. Em seguida, será perguntado para a turma em geral quem estaria disposto a explicar o que escreveu.

Este trabalho se justifica pela sua importância em desenvolver uma pesquisa de reflexão de jovens sobre a educação indígena em que estão envolvidos.

2 A REALIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Atualmente, na visão do jovem que está estudando sobre a educação escolar indígena, os pais são também responsáveis pela educação dos jovens, já que têm o conhecimento mais aberto quando se fala a respeito desse tema.

Sabe-se que o ensinamento na escola já faz parte da vida do dia a dia deles. Segundo relato informal de um aluno do ensino médio, a educação escolar indígena é muito importante na vida, porque só estudando se terá um futuro melhor; mesmo querendo viver completamente dependente da natureza, é muito difícil, por isso, quem quiser ser alguma coisa é preciso estudar bastante.

Entende-se que a escola não foi criada para os indígenas, por isso, para as crianças, é um desafio ter que superar seus limites e mostrar que é capaz de alcançar seus objetivos; por isso, todo projeto escolar só será considerado escola indígena se for pensado, planejado, construído e mantido pela vontade livre e consciente da comunidade.

Conforme o professor Gersem dos Santos, não se trata apenas de elaborar currículos, mas de permitir e oferecer condições necessárias para que a comunidade gere sua escola. Entretanto não se considera importante no currículo adotar

a cultura que não vai servir para a comunidade, porque se deve considerar que os indígenas tinham uma outra referência cultural, baseada no convívio em comunidade de forma livre e em contato direto com a natureza.

Quando os portugueses chegaram à costa brasileira, mais de 500 gerações de pessoas humanas, num espaço de tempo superior a 10.000 anos, já viviam, aqui, uma consciente adaptação ao ambiente desta terra. Todas suas culturas foram construídas visando um ilimitado futuro comum para a vida na terra: de humanos, animais e vegetais. A natureza não era entendida apenas como espaço antrópico, mas como espaço comum de todos os viventes, todos igualmente importantes. Não lhes ocorria sentirem-se donos absolutos de tudo a ponto de poderem, a seu bel-prazer, capricho ou interesse, destruir ou fazer comércio com a Criação. (SCHWADE, 2005, p. 25)

Muitos conhecimentos partiram da própria comunidade, porque a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas. Assim, a educação tradicional pode e deve contribuir na formação de uma política e prática educacionais adequadas.

Importante é refletir na formação de uma escola que seja capaz de atender interesses e necessidades da comunidade, a aprender conteúdos que podem ficar sem uso depois de se formar, a realidade atual às vezes é muito difícil de compreender, pois nesse mundo moderno muitas mudanças ocorrem rapidamente, incluindo as línguas maternas, as referências culturais e artes e o modo de viver adquiridos pelos hábitos dos não indígenas.

A tecnologia entrou no meio da sociedade também modificando as relações e a convivência. Na visão dos não indígenas, há uma grande discriminação e preconceito com os indígenas. Muitas vezes, desde pequenas as crianças sofrem muito em toda parte que for, e não apenas crianças, mas todos os indígenas. É importante mudar esta lógica porque ninguém é melhor do que ninguém, mas cabe considerar que na atual sociedade as pessoas não têm as mesmas oportunidades. Entretanto, na cultura atual dos não indígenas, a meritocracia é mais importante, causando um pensamento de que uns são melhores do que os outros.

Com aparecimento do Estado Português, a visão indígena da economia foi posta abaixo. O homem europeu foi evidenciado sobre toda a criação. O índio foi desenvolvido, considerado um ser inferior, “primitivo”, atrasado e

menos inteligente. O Estado instalou a economia de mercado que transforma tudo em objeto de compra e venda, inclusive entre Mãe-Terra e as pessoas. Os motivos econômicos e mercantis sempre regeram as relações entre o Estado, de um lado, e os indígenas do outro. A Igreja institucional está bem com o Estado, quando motiva o índio a deixar o português explora-lo e a tomar conta dos seus territórios, desmotivando a sua autonomia econômica e, finalmente, quando ajuda o Estado a folclorizar a sua cultura, raiz da autonomia política e econômica. (VEIGA; FERREIRA, 2005, p. 31)

A partir dessas considerações, entende-se que a escola se constrói dentro da comunidade indígena, valorizando as suas particularidades e cultura local, refletindo sobre o quanto o não indígena impõe suas compreensões equivocadas sobre a realidade dos indígenas implicando na criação de um currículo escolar, muitas vezes, originado em outra realidade. O desafio da educação escolar indígena atualmente tem nova perspectiva, a luta para se ter direito a uma educação diferenciada, bilíngue, intercultural e autônoma; tem sido, nas três últimas décadas, uma das principais reivindicações do movimento indígena no Brasil, junto da luta pelo direito a terra e à saúde.

3 A COMUNIDADE INDÍGENA DA ALDEIA TAQUAPERY

A comunidade indígena da aldeia Taquapery, Município de Coronel Sapucaia, MS, possui duas escolas que funcionam dentro da aldeia: a escola Mbo'ero Arandu e a escola Ñande Reko Arandu. A primeira atende os alunos do pré ao 5º ano, já a outra escola atende de 1º ao 9º ano, ambas com o seu próprio Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico (PPP) e com professores da etnia Guarani Kaiowá que dominam bem a sua língua materna e ensinam de 1º ao 3º ano de séries iniciais, especificamente na sua língua Guarani, e do 4º ao 5º ano já se ensinam como segunda língua em Português. Muitos professores nas aulas se desenvolvem em duas línguas, de forma que os alunos possam dominar as leituras e as escritas em sua língua materna.

As comunidades escolares oferecem aos alunos conhecimento suficiente para prepará-los cada vez mais para o futuro, valorizando o conhecimento indígena, estimulando-os a pesquisar e ter vontade de aprender muitas coisas novas dentro e fora da escola. Além disso, preocupa-se com a valorização desses sujeitos, garantindo seus direitos e deveres de conviver como cidadãos respeitados e críticos.

Com a Constituição de 1988, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, de permanecerem eles mesmos, com suas línguas, culturas e tradições. Ao reconhecer que os índios poderiam utilizar suas línguas maternas e seus processos de aprendizagem na educação escolar, institui-se a possibilidade de a escola indígena contribuir para o processo de afirmação étnica e cultural desses povos, deixando de ser um dos principais veículos de assimilação e integração. (GRUPIONI, 2001, p. 9)

Assim, muitos jovens estudantes têm o seu sonho de realizar o projeto de vida, conquistar e desafiar seus limites. Essa é a expectativa de muitos pais dos alunos, de forma que tenham alguma profissão, para que posteriormente voltem a trabalhar dentro da sua comunidade, mostrando-se capazes de desenvolver várias atividades relacionadas ao seu povo.

A educação indígena é fundamental a todo momento, de forma a resgatar as ideias, experiências dos mais velhos e saber viver mais através dos saberes tradicionais, desde criança, jovens e adultos, porque toda sociedade tem os momentos e as atividades de ensino-aprendizagem que combinam em espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem.

Na escola da comunidade indígena, as crianças são os alvos principais para aprender todas as coisas, pois considera-se que eles são o futuro da aldeia e o meio de sistematizar o conhecimento e se comunicar com a sociedade indígena e não indígena, em que possam dialogar com liderança e ter reunião juntamente da responsável dos alunos, propiciando também debates sobre a melhoria da educação na aldeia e a sua organização social, tal como moradia de cada família.

Assim, pode-se pensar também o que tem de mudanças em todos os anos, qual é o papel do professor, liderança, jovens estudantes e qual é o objetivo principal e a importância dos estudos.

Atualmente, também as escolas definem que pretendem ensinar outras culturas que vão servir para os alunos interagir com o conhecimento de uma nova cultura e de outras relações sociais, e nas resistências de bilinguismo isso é uma estratégia de valor de cada disciplina, o sistema se adaptou a pensar no mundo capitalista, mas o ensino diferenciado através das referências curriculares se assegura a manter sua cultura, costume, tradição, mito e crenças próprios. Para que o espírito do Guarani e Kaiowá viva em reflexões naturais dentro da educação escolar indígena.

O sistema educacional dos Guarani é como círculos concêntricos que têm, no seu âmago, a casa de reza (opy), onde são ensinadas as histórias sagradas e onde se constrói o “ser Guarani” através de cerimônias rituais. Essa forma de ser ensinada e reforçada no círculo familiar, com papel destacado para as mães como formadoras do caráter das crianças. Num círculo posterior, situam-se as relações do mundo do trabalho que põem em operacionalidade as regras sócias: divisão de tarefas por sexo, co-responsabilidade e complementaridade das relações do gênero, e respeito às relações hierárquicas que organizam as formas de solidariedade no grupo. E no círculo mais externo, situa-se a relação com os estrangeiros. É nesse círculo de fronteira com o exterior que a escola pode ser situada como instrumento formal de educação para a relação de contato, ou seja, para as relações diplomáticas. (NOBRE, 2009, p. 25).

Conforme Nobre (2009), uma escola adequada, ou seja, uma escola indígena, não deve estar atrelada ao *yvy pory reko* (seres humanos). Ela deve ter sua própria locomotiva e decidir seus próprios caminhos. Há necessidades de se refletir sobre a influência do sistema capitalista na formação dos professores. Deve-se discutir o funcionamento da sociedade “não indígena” em suas relações com o Estado, com o capitalismo e com os meios de comunicação, como a TV, por exemplo.

Pensar uma escola em termos de 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano, por exemplo, pode levar a esse atrelamento, pois essa concepção parte de um modelo “não índio”. Mas pode-se pensar em uma escola que preserve a cultura no mesmo modelo não indígena, contextualizando de forma intercultural, exercendo, assim, a influência no processo de formação dos professores e na construção curricular (NOBRE, 2009).

Todos jovens estudantes graduandos têm sua ambição de realizar e seguir seu objetivo principal e precisam do apoio da sua família e da comunidade para ter uma grande conquista, do conhecimento que adquirem e cada passo a uma nova chance de mostrar seu caráter, valor e capacidade de utilizar seu conhecimento no meio da sociedade indígena e não indígena.

4 REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA COM OS ESTUDANTES

A pesquisa foi aplicada com os alunos das turmas do 9º ano “A” (35 alunos) e 5º ano “A” (20 alunos), nos dias 30/08/16 e 01/09/16.

Alguns resultados são apresentados seguir:

A maior parte do que os alunos escreveram tratou sobre a importância da educação indígena e o respeito que eles têm pelos seus povos, famílias e mais velhos. Para eles, a educação é obtida primeiramente com os pais e, posteriormente, com seus professores na escola, local em que aprendem novos conhecimentos. É também através da escola que eles pretendem alcançar seus objetivos, mas sem deixar de lado suas línguas, seus costumes e culturas, porque sabem que estes são a raiz de tudo.

A educação indígena, segundo eles, é a fonte de caminhada de cada família, porque cada família tem a sua diferença e o seu jeito de ensinar, e o outro, não. Atualmente, demanda-se muita organização no meio de cada família, já que existe família desorganizada e, para isso, precisam muito das pessoas mais velhas, de forma a compreender mais a conviver em comunhão. Portanto é preciso se organizar, cabendo este papel às suas famílias e à escola. A aluna Franciele Alves Dias, do 9º ano, disse: “portanto, somos indígenas, precisamos mais educação na nossa aldeia, das colaborações dos comandos social, chegou a hora de nos querer a nossa educação”.

Os alunos pesquisados mencionaram que é através da educação indígena Guarani/Kaiowá que se percebe haver a esperança no futuro, sem que se desista dele. Por meio das experiências dos mais velhos se aprende muitas coisas, passando de geração a geração. Para eles, os mais velhos são a sobrevivência e a resistência do seu povo, chamado por alguns de “grandes referências”, porém, considerando que quem faz a história são os alunos, ou seja, são os mais jovens que têm um papel importante na transmissão às gerações futuras desse conhecimento.

Os pesquisados também comentaram que é na escola que ensinam a eles os seus direitos e deveres de forma a tornarem-se mais críticos e independentes. Ainda, consideram ser importante o compartilhamento desses direitos e deveres com amigos, pais e, principalmente, com a comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi feita com duas turmas diferentes, podendo ser considerada como uma fonte de conhecimento para este trabalho. Por meio dela, foi possível perceber e entender como os jovens estão pensando sobre a educação indígena. Destaca-se o fato de que a maioria deles escreveu com muita sinceridade,

considerando ter muito respeito com sua comunidade, com sua família e com seu povo. Certamente, todos escreveram a importância dos estudos como sendo parte de suas vidas, porém, cabe considerar que os estudante de hoje parecem ser muito mais ativos do que os jovens de dez anos atrás. Este fato se deve à entrada da tecnologia no cotidiano das comunidades indígenas, de forma que ela tem contribuído para que possam ler e escrever com mais facilidade, além de se tornarem mais informados, auxiliando-os a ter opiniões próprias sobre os assuntos da sociedade.

Sendo o objetivo deste trabalho entender a importância que os jovens atribuem à educação escolar indígena, considera-se que ele tenha sido atingido.

Como sugestões futuras, sugere-se o aprofundamento deste tema, com um número maior de respondentes, principalmente dos alunos do ensino médio, haja vista terem estado mais tempo na escola, podendo contribuir com outras perspectivas para análise deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

GRUPIONI, Donisete Benzi (Org.). *As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

NOBRE, Domingos. *Educação indígena. Uma Pedagogia Indígena Guarani na escola, pra quê?* Campinas: Curt Nimuendajú, 2009. 64 p. (Serie: Educação Indígena).

SCHWADE, Egvdio. Os povos indígenas na sociedade globalizada: como manter a identidade e a autonomia? In: VEIGA, Juracilda; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha (Org.). *Desafios atuais da Educação Escolar Indígena*. Anais do Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas. Campinas, SP: ALB, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; [Brasília]: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

VEIGA, Juracilda; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha (Org.). *Desafios atuais da Educação Escolar Indígena*. Anais do Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas. Campinas, SP: ALB, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; [Brasília]: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

Sobre os autores:

Eldo Ramires Cano: Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Graduado em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professor na Escola Indígena Mbo'erooy Arandu, Coronel Sapucaia, MS. **E-mail:** eldoramires207@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6243-1477>

Úrsula Velasques: Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora na Escola Indígena Ñande Reko Arandu, Coronel Sapucaia, MS. **E-mail:** ursulavelasques@hotmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-9281-8840>

Recebido em 21 de novembro de 2018

Aprovado para publicação em 29 de julho de 2019